

## UM POUCO DE MÚSICA

### NOMES PARECIDOS QUE GERAM CONFUSÃO

Na história da música há diversos casos de compositores com nomes muito parecidos e que geram confusões não só entre os menos avisados, como até entre os bem avisados. Por exemplo, Piccini e Puccini, este muito mais conhecido, pois é o imortal autor de **La Bohème**, "**Tosca**", **Madame Butterfly** e outras grandes óperas do repertório internacional. Viveu entre 1858 e 1924. O outro, Piccini, viveu no século XVIII, quase cem anos antes de Puccini. Teve grande notoriedade em seu tempo e ficou famoso por liderar uma corrente adversa às reformas que o grande Gluck pretendia introduzir na ópera. O público parisiense (pois ambos viviam em Paris) dividiu-se entre "gluckistas" e "piccinistas". Pois bem: num livro de Stefan Zweig sobre Mesmer (o criador do hipnotismo), o assunto vem relatado. Mas, o tradutor brasileiro, certamente conhecendo Puccini e não Piccini, pensou tratar-se de erro de imprensa e todas as vezes em que no livro de Stefan Zweig aparece o nome Piccini é ele corrigido para Puccini. E daí esta maravilha: Gluck, mestre de música da corte de Maria Antonieta, brigando com Puccini, que viveu quase cem anos depois...

Outro caso: Schubert e Schobert, o primeiro muito mais conhecido, pois é uma das maiores figuras do romantismo, autor de imensa e variadíssima obra: sinfonias, quartetos, canções, peças para piano, etc... Schobert é pouco conhecido, mas há alguns anos foi lançado em nosso País um disco, aliás excelente, contendo obras de sua autoria. Alguém, comentando o disco, lamentou que justamente na capa se cometesse o absurdo de grafar erradamente o nome do compositor, figurando Schobert e não Schubert... Não atentou o autor da nota sequer para as informações da contracapa, onde teria visto que é Schobert mesmo, nada tendo com o imortal autor da "Sinfonia Inacabada" pois viveu muito antes.

O mesmo ocorre com Auber e Aubert, diferenciados apenas por um "t" final. Auber é uma das grandes figuras da ópera francesa do século passado, nascido em 1782 e falecido com quase noventa anos em 1871; deixou mais de quarenta óperas, praticamente esquecidas hoje, ou, quando muito lembradas apenas pelas suas belíssimas "ouvertures", que se tornaram peças de concerto. Já o outro, Aubert, é moderno; nasceu quando o primeiro já havia falecido e

morreu há menos de vinte anos; ocupei-me dele, na ocasião, lembrando sua participação na vida musical francesa no período de entre-guerras.

E para encerrar, mais um exemplo: Giordano e Giordani. O primeiro, bem mais conhecido, especialmente dos aficionados do lírico, pois uma de suas óperas, **Andrea Chénier**, é das mais representadas em todo o mundo. Faleceu em 1948, deixando mais de dez óperas, todas eclipsadas por **Andrea Chénier**. Já o outro, Giordani, viveu no século XVIII, teve muita notoriedade em seu tempo (óperas, concertos, sonatas), mas é lembrado hoje apenas por algumas canções estimadas pelos cameristas, que freqüentemente as incluem em seus recitais. (Odilon Nogueira de Matos)

\*

### ERROS DE TRADUÇÃO QUE DEFORMAM

É freqüente traduzir-se por **Rapsódia Azul** o título da mais famosa obra do compositor norte-americano George Gershwin, **Rhapsody in Blue**. É tolice refinada. É verdade que “blue”, em inglês, significa azul, mas não neste caso. “Blue”, aqui, é um termo musical, intraduzível. Designa uma forma ou gênero de música, vinculada ao “jazz” e que, como este, surgiu no ambiente negro do Sul dos Estados Unidos. Música nostálgica, sentimental e inspirado nela foi que Gershwin compôs sua mais divulgada obra. Daí denominá-la Rapsódia “in blue”, como quem quisesse dizer “no estilo” ou “na maneira” de “blue”. Nada tem com a cor azul. Mas o erro aparece com freqüência em livros, discos e até num filme sobre a vida do compositor. Ainda recentemente li uma biografia de Gershwin, aliás muito boa, e que no original intitulava-se simplesmente **The Story of George Gershwin**. Ao ser traduzida para nossa língua, foi tolamente batizada pelo tradutor ou editor de **Rapsódia Azul**. E o curioso é que no texto do livro a música é sempre mencionada pelo nome correto: **Rhapsody in Blue**. Donde se conclui que a culpa é mais do editor que do tradutor.

O fato de a terminação francesa “ée”, às vezes poder ser traduzida tanto por “eu” como por “éia”, levou a tradutora de uma história da música de autor francês, lançada no Brasil pela Difel, a mudar o sexo no título da grande ópera de Mozart, **Idomenée**, traduzindo-o por **Idomenéia** e não **Idomeneu**, como deve ser. Tivesse a tradutora o cuidado de consultar algum dicionário de música, verificaria que o título completo da obra (que no livro francês aparecia abreviado) é **Idomeneu, rei de Creta**, não deixando, pois, margem para dúvidas. Quando mostrei à tradutora o